



## **EDUCAÇÃO INFANTIL: AMBIENTE ALFABETIZADOR**

Jacqueline de Oliveira Carvalho Pinto Marques

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>.Dr<sup>ª</sup>. Helena Amaral de Fontoura.

**São Gonçalo.  
2008**

## EDUCAÇÃO INFANTIL: AMBIENTE ALFABETIZADOR



Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de graduada, ao Departamento de Educação do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em \_\_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Helena Amaral da Fontoura – orientadora

---

Gianine Maria de Souza Pierro - parecerista

*“Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.* **Paulo Freire**

←

## **DEDICATÓRIA**

Este trabalho é dedicado a todos os que lutam por uma educação de valor com igualdade. E principalmente às crianças, que são a esperança de um futuro melhor.

## **Agradecimentos**

A Deus, porque se não fosse por Ele, eu não conseguiria ter escrito nem uma só linha dessa monografia.

A minha mãe Regina, meu esposo Leônidas, meus irmãos: Marcelo e Raquel, que sempre me deram força nos momentos de insegurança.

A minha filha Sara, que eu tanto amo.

A toda a minha família e à família do meu esposo (que também é minha).

Aos professores da UERJ, principalmente a minha orientadora Helena, e aos companheiros do curso de Pedagogia.

Aos meus irmãos da igreja e amigos sinceros.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo avaliar a importância da Educação Infantil na vida escolar do aluno e como este espaço pode ser um ambiente alfabetizador. Afirmamos como é importante a harmonia entre a Educação Infantil e a Alfabetização e a ação efetiva dos educadores alfabetizadores, introduzindo a leitura e a escrita nessa importante etapa. A opção metodológica foi por uma pesquisa exploratória, de natureza qualitativa, com: 1) relatos de observações colhidas em escolas da rede de São Gonçalo e Niterói no período de 2006 a 2008; 2) entrevistas realizadas em uma escola públicas e uma privada, priorizando professores da educação infantil, alfabetizadores e coordenadores pedagógicos. Questionário único, com perguntas abertas que possibilitou um contato direto com os entrevistados. Os depoimentos dos professores e coordenadores foram condensados e agrupados tendo em conta os objetivos da pesquisa. As questões versaram sobre o planejamento de ensino e o papel da coordenação pedagógica e o modo como tratavam as questões que envolviam a alfabetização desde o momento em que os alunos ingressavam na escola. A formulação das perguntas teve como referencial teórico os pressupostos fundamentais da Pedagogia de Paulo Freire. A democratização do planejamento das aulas, a reflexão sobre a realidade concreta do aluno, a prática do diálogo, a elaboração coletiva do conhecimento, a construção da consciência crítica foram temas considerados em primeiro plano e implicados nas questões formuladas e no diálogo com os entrevistados. Pôde-se constatar um distanciamento entre as pretensões da Pedagogia Libertadora e a prática dos educadores pesquisados. Embora todos tenham declarado intenções compatíveis com aquela opção, a realidade vista nesses relatos foi configurando a impraticável conciliação de posições pedagógicas freireanas com a educação tradicional. Foi possível perceber, ainda, o desconhecimento de objetivos centrais da proposta freireana, como o desenvolvimento da consciência crítica. O processo de educação parece ter como prioridade essencial ensinar a ler, escrever e efetuar cálculos matemáticos elementares. Esse trabalho nos mostra ainda a grande dificuldade para introdução e agregação do ambiente alfabetizador.

Palavras-chave: Ambiente Alfabetizador, Educação Infantil e Aprendizagem.

## SUMÁRIO

Resumo .....	5
Introdução .....	7
Capítulo 1 – A importância da Educação Infantil .....	14
1.1 - Compreendendo o papel da escola .....	16
1.2 - As tendências pedagógicas na Educação Infantil.....	18
1.3 - A descoberta de futuros leitores .....	24
Capítulo 2 - A pesquisa .....	29
2.1 Apresentação dos resultados.....	30
2.2 Análise dos dados.....	33
Considerações Finais .....	40
Bibliografia .....	44
Anexo .....	46

## INTRODUÇÃO

A Educação infantil é a primeira etapa da educação básica e tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Também recebe o nome de educação da primeira infância, jardim da infância ou educação pré-escolar. Existem critérios a considerar para estabelecer os limites entre o atendimento infantil em creche e a educação pré-escolar, ou entre a educação pré-escolar e a primária: caráter educacional do programa, baseado ou não numa escola ou centro especificamente equipado, qualificação dos professores e faixa etária da criança

Nessa fase se dá o início de uma caminhada da criança no ambiente escolar. E como todo início, é muito difícil, tanto para a criança como para os pais. É aí que se faz importante o professor/educador. Essa fase não deve ser traumatizante, mas sim inesquecível.

*De acordo com a LDB nº 9.394, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 em sua seção II, nessa primeira etapa da educação básica é primordial que os educadores proporcionem atividades que desenvolvam os aspectos cognitivo, afetivo, psicomotor e social das crianças.*

Os objetivos da educação infantil devem visar o desenvolvimento físico, emocional, social e intelectual da criança, objetivando sua autonomia, autocontrole e confiança para se expressar e se comunicar.

A proposta de Vygotsky (1989) traz em sua concepção que a sala de aula deve ser considerada um lugar privilegiado, onde os conhecimentos devem ser

articulados entre o professor e o aluno. Nesse processo interativo todos devem ter a oportunidade de falar e dar as suas opiniões, e as idéias devem ser levadas em consideração, mesmo que o indivíduo em questão seja uma criança de apenas cinco anos de idade. Com esse processo dinâmico pode se dar a construção de conhecimentos.

O estudo proposto irá investigar como é essa fase inicial, para a vida e seu desenvolvimento. Queremos investigar a criança como sendo capaz de sugerir hipóteses e de criar suas próprias interpretações do mundo, como postula Kramer (1989).

Esse tema “Educação Infantil” sempre foi a minha paixão, essa faixa etária é para mim muito importante; quando eu passei por essa experiência há pouco tempo como mãe, pude perceber as contradições que passamos de alegria e tristeza, prazer e dor, pois vemos tudo isso acontecer e não sabemos como reagir diante desse quadro apresentado. Como mãe sabia que era importante que a minha filha tivesse uma boa pré-escola. E como educadora tinha em mente que a escola devia ser de boa qualidade e que esta não deveria pular as etapas do desenvolvimento, pois seria prejudicial e poderia trazer conseqüências futuras para a criança, tanto na área pedagógica, quanto na emocional ou social.

Ao falar de uma escola de boa qualidade, temos que mencionar a fase importante que é a alfabetização, fase que sucede a educação infantil, e precisamos levar em consideração que para ser alfabetizada, a criança precisa ter uma auto-estima elevada, precisa estar bem emocionalmente e acima de tudo ter segurança para poder enfrentar qualquer dificuldade que poderá ter nesse processo de alfabetização. Porém muitas escolas se preocupam somente com a

alfabetização e não dão tanta importância ao desenvolvimento do período preparatório. Não devemos pensar que a educação infantil é apenas um lugar para se brincar e talvez para que as mães possam deixar os seus filhos enquanto trabalham.

É nesse início da formação da criança que ela vai ter o primeiro contato com o processo de aprendizagem, que será a base para todos os anos de escola que ela terá no futuro. Esse período é de grande valor; é através da Educação Infantil que vemos crianças muito interessadas em vários assuntos importantes. O professor deve aproveitar esse interesse e incentivar a leitura e a escrita, introduzindo-as de forma natural com livros e gibis que são de convivência desses alunos.

Por outro lado, precisamos pensar que se a escola não tiver o apoio necessário vindo da família, não poderá caminhar de forma adequada, pois a escola e a família devem caminhar juntas, auxiliando uma à outra mutuamente. A família deve estimular a criança, ajudá-la com tarefas, participar das reuniões, estar em contato com os professores, interessar-se pela vida escolar da criança.

Quando os pais valorizam as práticas educativas, dão bons exemplos às crianças; desde a sua mais tenra idade, seus filhos poderão ter comportamentos positivos nesse ambiente escolar.

A educação informal é aquela que se aprende no dia-a-dia, com as pessoas do nosso círculo familiar ou amigos. É nela também que se aprendem as regras do convívio social, cabendo aos pais ensinar essas regras; já a educação formal ou acadêmica é função da escola e seria uma continuação da educação familiar. No entanto, pais que possuem algum tipo de dificuldade ou não dão o valor

necessário para essa etapa da escolarização, podem contribuir e influenciar negativamente. Diante disso, esse estudo também visa investigar essas relações entre pais e filhos.

Freire (1998), tenta resgatar o verdadeiro papel da escola. Para ele ser professor é muito mais do que ser babá ou substituto dos pais. Educar é muito mais que ensinar boas maneiras, ler e escrever. É criar consciência, crítica e formar um cidadão em cada um de seus alunos.

Os objetivos deste trabalho foram: analisar a importância da Educação Infantil, saber se esta pode ser considerada um ambiente alfabetizador; entender se este período influencia realmente no processo cognitivo; investigar o que pensam as professoras e coordenadoras.

Diz Vygotsky (1989):

*“As potencialidades do indivíduo devem ser levadas em conta durante o processo de ensino-aprendizagem. Isto porque, a partir do contato com uma pessoa mais experiente, as potencialidades do aprendiz são transformadas em situações que ativam nele esquemas processuais cognitivos ou comportamentais, ou de que este convívio produza no indivíduo novas potencialidades, num processo dialético contínuo”.*

De acordo com Piaget (1974), a criança é concebida como um ser dinâmico, que a todo momento interage com a realidade, operando ativamente com objetos e pessoas. Essa interação com o ambiente faz com que construa estruturas mentais e adquira maneiras de fazê-las funcionar. É através dessa interação com o meio que ela aprende e isso ocorre através da assimilação e da acomodação, e com base nesses pressupostos, a educação deve possibilitar à criança um desenvolvimento amplo e dinâmico desde o período sensório-motor até o operatório abstrato.

Para viabilizar tal estudo, realizamos entrevistas com professores que estão envolvidos nesse quadro em questão. O projeto consistiu na investigação de como se dá o ingresso da criança na escola nessa fase da Educação Infantil e como essa passagem é importante para toda a vida escolar, pretendendo saber se esta pode ser considerada um ambiente alfabetizador.

A Pedagogia Libertadora, formulada por Paulo Freire (1987), nos anos 50 e 60, surgiu enraizada no contexto sócio-econômico do Brasil à época. O autor, também influenciado por uma situação pessoal de pobreza, refletiu sobre os rumos da educação num ambiente de exclusão social, autoritarismo político e gritante desigualdade.

Freire percebeu que a mera alfabetização era insuficiente para promover a emancipação das massas não letradas. Entendeu que a educação deveria servir como instrumento de mudança da sociedade. Para isso, o ensino deveria desenvolver a consciência crítica, para possibilitar ao aluno uma atuação conseqüente, como cidadão, em busca da transformação social.

Ao assumir esta visão hoje, percebemos que a educação no Brasil, principalmente no período inicial é de caráter excludente, escravista e autoritário. O acesso à educação permanece condicionado ao nível dos recursos financeiros das pessoas. Os pobres recebem uma educação de segunda linha. As elites ao contrário possuem todas as condições para a aquisição do conhecimento.

Este dramático cenário de desigualdade em que estamos inseridos está edificado, como já foi mencionado, num sistema perverso de distribuição da renda nacional que nos coloca, hoje, no segundo lugar entre os piores do mundo, em mais de uma centena de países (PNUD - 2004).

Precisamos nos libertar desse processo que viemos atravessando do ensino alfabetizador do tipo “Eva viu a uva” e seguirmos para além do conhecimento técnico da leitura, escrita e matemática. Temos como educadores a difícil tarefa de inserir uma análise crítica da realidade que nos rodeia através da introdução do que cada aluno vive, da sua realidade e fazê-lo superar as limitações do ambiente e a baixa auto-estima, causadas pela exclusão social, e não somente repetirmos os mesmos erros causados pelas tradicionais cartilhas.

Ocorre que, tanto quanto se revela difícil essa nova forma de alfabetizar é a de introduzir a alfabetização já na educação infantil.

A educação libertadora de Paulo Freire não tem encontrado ambiente acolhedor para o seu desenvolvimento, já que pretende a igualdade de oportunidades e a justiça social.

Não parece ser de interesse dos governantes a alfabetização que poderá livrar o indivíduo da sua ignorância, pois através dessa consciência crítica e sua perspicácia, esse indivíduo passará a cobrá-los, tendo uma reflexão e a análise de seus votos.

O que vemos hoje é um cidadão que quase sempre se acomoda, aceitando passivamente o que o governo lhe oferece, essa educação de segunda linha. Porém foi para eles que Paulo Freire produziu a pedagogia libertadora.

Em face desta realidade, esse trabalho tem por meio o objetivo de pesquisar as evidências para comprovar eventuais intenções pedagógicas e a prática concreta dos alfabetizadores.

## **CAPÍTULO 1: A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

As etapas do desenvolvimento humano têm suas influências no processo de ensino-aprendizagem. Esse desenvolvimento se inicia já no ventre da mãe e continua por toda a vida. Na escola ela aprende conteúdos acadêmicos e também recebe influências do meio.

Muitas crianças apresentam certas dificuldades relacionadas a esses conteúdos na aprendizagem principalmente quando chegam ao período da alfabetização. Essas dificuldades podem estar vinculadas a inúmeros fatores, como: estímulos precários, problemas neurológicos, condições físicas e emocionais.

Também sabemos que cada criança tem o seu momento próprio para aprender. Devemos prestar atenção se essa criança está sofrendo uma grande cobrança do meio, pois isso interfere e com isso a criança pode passar a ter dificuldades no aprendizado. Neste momento percebemos com clareza a importância e a função da educação infantil, pois é nessa etapa que a criança deverá ser estimulada e preparada para a alfabetização. É nessa hora que podemos trabalhar os pré-requisitos nos aspectos cognitivos, motor e afetivo/social.

A educação infantil é uma fase muito importante, que requer um cuidado especial. Esse cuidado deve vir dos pais e responsáveis, dos coordenadores pedagógicos e dos professores.

Os pais e responsáveis devem ter um olhar voltado para o ambiente da escola, como essa está introduzindo a criança no mundo letrado; os

coordenadores precisam introduzir o projeto político pedagógico já na educação infantil de modo a caracterizá-lo como uma ambiente alfabetizador; e os professores devem observar esses alunos o contexto de vida em que cada um está inserido e dar importância às suas vivências, tudo o que essa criança trás desde o seu nascimento, pois ele não pode ser considerado um ser que não ainda não sabe nada, mas sim com uma história de vida.

Diz Kramer:

*“sabemos, que é crucial o contexto de vida das crianças com quem trabalhamos para o processo de construção de um currículo. Entendemos também que uma compreensão mais aprofundada de quem são as crianças e de como constroem conhecimentos é obtida com a realização de cada trabalho e com o desenvolvimento de pesquisas relacionadas às crianças e aos fatores sociais e culturais que as influenciam na construção de seus conhecimentos”. (1989, p.39)*

Os objetivos da educação infantil devem estar voltados ao desenvolvimento da criança. Esse não pode ser somente o desenvolvimento físico, mas precisa ser formada a consciência crítica visando à autonomia dessa criança. Sabemos que no início da vida temos a capacidade de produzir todos os tipos de conhecimentos, dependendo do contexto em que seremos inseridos. Para Kramer,

*“... entendemos que há determinados parâmetros psicológicos que orientam o desenvolvimento de todas as crianças. Sabemos, por outro lado, que a situação sociocultural e as condições econômicas em que vivem as crianças, além do sexo e da etnia, exercem uma forte influência sobre elas e sobre os conhecimentos que constroem.” (1989, p.39)*

Como a educação infantil é o princípio da escolarização, pode ser aproveitado de forma a introduzir o interesse por vários assuntos importantes.

Dentre eles, está o interesse pela leitura e através desta ter um cidadão consciente e com autonomia.

Desde cedo as crianças convivem com diversas formas de informações produzidas e interpretadas pelos adultos, que são jornais, televisão, ela vê letreiros. Para que a criança entenda melhor tudo isso que ela convive ela precisa ter contato fora da escola e dentro então é necessário apresentar todo tipo de material escrito que for possível na sala de aula.

Como nos afirma Emília Ferreiro. "*Em cada classe de alfabetização deve haver um "canto ou área de leitura" onde se encontrem não só livros bem editados e bem ilustrados, como qualquer material que contenha escrita...*" (FERREIRO, 2002, p.33)

Deste modo ela vai tendo contato com o material escrito e percebe as coisas de que ela convive no mundo, então vai naturalmente se alfabetizando, sendo muito importante a estimulação para a pré-leitura e pré-escrita.

De acordo com Teberosky (2005), o ambiente alfabetizador "*é aquele em que há uma cultura letrada, com livros, textos digitais ou em papel, um mundo de escritos que circulam socialmente. A comunidade que usa a todo momento esses escritos, que faz circular as idéias que eles contêm, é chamada alfabetizadora*".

Desta forma a criança terá maior facilidade em aprender o contexto escolar desde o início e para toda a sua vida escolar, interagindo com o contexto educacional. A aprendizagem na educação infantil deve partir de uma proposta pedagógica, que tenha como princípio o respeito ao contexto social a qual a criança vive, bem como, valorizando o saber, o conhecimento que elas trazem

para a escola. Os profissionais que trabalham com essas crianças precisam se conscientizar que o seu trabalho não é só preparar estas crianças para as séries iniciais do ensino fundamental, mas para o resto da vida, pois é no período de zero a seis anos que são lançadas as bases para todas as aprendizagens futuras.

### **1.1 – Compreendendo o papel da escola**

A função da escola na sociedade tem a finalidade de instruir os alunos, dar a formação acadêmica. De acordo com a LDB, Lei 9.394/96, a educação básica deve ser obrigatória em todo o estado nacional. Isso inclui também a educação infantil, em sua seção II artigo 29 cita:

***“A educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.” (BRASIL, 1996)***

Para Kramer, *“a escola tem a função de contribuir, junto com as demais instâncias da vida social, para as transformações necessárias no sentido de tornar a sociedade brasileira mais democrática”* (1989, p 19).

As crianças, mesmo da mais tenra idade, são indivíduos que vivem em sociedade; sabendo disso afirmamos que são diferentes em vários aspectos e características. Não podemos ignorar suas diferenças, pelo contrário devemos usar desse aspecto para introduzir assuntos de interesse dessas crianças no currículo escolar, desde a educação infantil. Deste modo, iremos valorizar esses indivíduos e suas vontades e interesses.

A partir dessa pesquisa, surge uma questão importante: é interessante introduzir a alfabetização na educação infantil?

Scarpa, da Fundação Victor Civita, nos diz em uma publicação da revista Nova Escola que:

*“... alguns educadores receiam a antecipação de práticas pedagógicas tradicionais do Ensino Fundamental antes dos 6 anos (exercícios de prontidão, cópia e memorização) e a perda do lúdico. Como se a escrita entrasse por uma porta e as atividades com outras linguagens (música, brincadeira, desenho etc.) saíssem por outra. Por outro lado, há quem valorize a presença da cultura escrita na Educação Infantil por entender que para o processo de alfabetização é importante a criança ter familiaridade com o mundo dos textos.” (2006, p 66)*

De qualquer modo podemos perceber que a leitura é introduzida sim, já na educação infantil, quando vemos as professoras lendo histórias e mostrando às crianças os livros mesmo que de forma mais distante. Temos aí uma contradição. Por que não deixar que a criança mexa nos livros? Alguns têm medo que elas rasguem ou rabisquem os livros. Esse contato com os livros é muito importante, pois através dele poderemos ter alunos interessados na leitura.

Scarpa diz mais:

*“Ao democratizar o acesso à cultura escrita, ela contribui para minimizar diferenças sócio-culturais. Para que os alunos aprendam a ler e a escrever, é preciso que participem de atos de leitura e escrita desde o início da escolarização. Se a Educação Infantil cumprir seu papel, envolvendo os pequenos em atividades que os façam pensar e compreender a escrita, no final dessa etapa eles estarão naturalmente alfabetizados (aptos a dar passos mais ousados em seus papéis de leitores e escritores)”. (2006, p 66.)*

Em síntese, podemos dizer que o papel da escola é muito maior do que a realidade nos mostra; é possível, sim e muito interessante introduzir a alfabetização no espaço da Educação Infantil.

## 1.2 – As Tendências Pedagógicas na Educação Infantil

Kramer (1989) identifica três tendências predominantes no Brasil:

- Tendência romântica - é aquela que apresenta a pré-escola como um “jardim de infância”, onde a criança é “sementinha” ou “plantinha” que brota e a professora é a “jardineira”;
- Tendência cognitiva – tem a base psicogenética, que enfatiza a construção do pensamento infantil no desenvolvimento da inteligência e na autonomia;
- Tendência crítica – vê a pré-escola como lugar de trabalho coletivo, reconhece no professor e nas crianças sua condição de cidadãos, e atribui à educação o papel de contribuir para a transformação social.

### **- Tendência Romântica:**

Nasceu no século XVIII, juntamente com o surgimento da própria pré-escola. Nessa época começa o interesse e a valorização nas necessidades da criança. Dá-se então, mais ênfase no lúdico e no desenvolvimento natural desse indivíduo, visto antes diferentemente na chamada escola tradicional.

Essa tendência da pré-escola é vista como um jardim de infância onde as crianças são vistas como umas plantinhas e a professora como uma jardineira que precisa cuidar desse jardim.

Fröebel (1782-1852) defendia a idéia da importância do simbolismo infantil. Segundo ele, o caráter lúdico é o determinante para a aprendizagem da criança. Brinquedos cantados, histórias, artes plásticas, desenho, recorte e colagem e construção, observação da natureza e horticultura são atividades fundamentais.

Decroly (1871-1932) destacava as necessidades do homem na sua troca com o meio em que vivem. Para ele, as crianças passam por três momentos: o da observação, o da associação no tempo e no espaço e por fim a expressão. Decroly achava que a sala de aula estaria em toda a parte.

Montessori (1870-1952) defende a importância da escola ativa. Ele diz que a criança absorve tudo o que passa no meio. Foi de acordo com a sua idéia que foi adaptado o mobiliário às crianças nas escolas; em sua concepção, isso isolaria as dificuldades. O método Montessori foi criado originalmente para crianças excepcionais e somente mais tarde foi aplicado para crianças “normais”.

É claro que as contribuições desses educadores foi muito importante para a história da Educação Infantil, mas devemos reconhecer os limites e criticar de forma construtiva.

Diferente das propostas de Froebel e Decroly, o método Montessori fragmenta o conhecimento, pois suas atividades são propostas fundamentalmente em materiais didáticos específicos para cada finalidade. Ao invés de se utilizar objetos da vida real, eles são produzidos artificialmente. Já no método de Froebel pode se criticar a concepção positivista de que as atividades levam espontaneamente ao conhecimento. Em Decroly a crítica seria por que as

necessidades são dos adultos e não de crianças. E o objetivo continuaria sendo a proposta de atividades que caminham do “empírico” para o abstrato.

Podemos dizer que no Brasil essa tendência foi inaugurada com o movimento da Escola Nova nas décadas de 20 e 30 deste século, e ainda é muito usada tanto na rede pública quanto na particular.

### **- Tendência Cognitiva:**

Essa tendência é inspirada principalmente por Jean Piaget (1896-1980) e investiga o processo de construção de conhecimento. Piaget investiga o “conhecimento clínico” que permite saber como a criança pensa e de como constrói as noções sobre o mundo físico e social.

O Construtivismo é um dos pressupostos básicos da teoria de Piaget, assim como os fatores que interferem no desenvolvimento da criança. Para ele, a criança é o resultado das circunstâncias do meio que ela vive. E isso se dá através de dois processos que são: a assimilação e a acomodação. Piaget apresenta uma seqüência para os estágios que são: sensório motor, pré-operacional, operatório concreto e operatório abstrato. Estes são influenciados pelos seguintes fatores: **maturação** – que são o crescimento biológico dos órgãos; **exercitação** – funcionamento dos esquemas e órgãos que implica na formação de hábitos; **aprendizagem social** – aquisição de valores, linguagem, costumes e padrões culturais e sociais e **equilibração** – processo de auto-regulação interna do organismo, que se constitui na busca sucessiva de reequilíbrio após cada desequilíbrio sofrido.

Com base nisso, a escola deverá então favorecer e promover a construção do conhecimento, onde o sujeito é um ser ativo. Levando isso em consideração, essa educação deverá formar cidadãos críticos e ativos. Ao contrário da pedagogia tradicional, a interdisciplinaridade é considerada o tema central dessa tendência.

Piaget não propõe com isso um método de ensino, ele pelo contrário desenvolve muitas investigações e seus resultados são analisados por psicólogos e pedagogos. Uma pesquisadora que tem o seu trabalho reconhecido como continuação dos estudos de Piaget, é Emília Ferreiro. Sua pesquisa tem contribuído muito nas questões da alfabetização e à compreensão do processo de aprendizagem do sistema de língua escrita.

Conforme Gadotti

“A teoria de Emília Ferreiro nasce no bojo da América Latina, onde a evasão e a retenção escolares progridem de forma alarmante. Como uma importante saída para essa problemática, repensa o processo de aquisição da escrita e da leitura. A autora pesquisou a psicogênese da língua escrita, verificando que as atividades de interpretação e de produção da escrita começam antes da escolarização, e que a aprendizagem dessa escrita se insere em um sistema de concepções, elaborado pelo próprio educando, cujo aprendizado não pode ser reduzido a um conjunto de técnicas perceptivo-motoras”. (2004, ps. 224 e 225)

A análise da teorização de Emília Ferreiro não é o alvo deste trabalho, porém, cabe, no entanto, observar, a contribuição metodológica de precioso valor para o trabalho de alfabetização, ela partiu, também, para o enfrentamento da evasão escolar em toda a América Latina, detectando traços visíveis de exclusão social, embora o fracasso escolar das crianças acompanha as estatísticas da miséria e do desemprego das massas populares.

Essa proposta, de uma educação libertadora, se explicaria pelo lado didático-pedagógico de modo fácil e direto. De acordo com um fragmento do pensamento da pesquisadora vemos a evidente preocupação política que tem marcado todo o seu trabalho:

“A democracia, esta forma de governo na qual todos apostamos, demanda, requer, exige indivíduos alfabetizados. O exercício pleno da democracia é incompatível com o analfabetismo dos cidadãos. A democracia plena é impossível sem níveis de alfabetização acima do mínimo da soletração e da assinatura. Não é possível continuar apostando na democracia sem realizar os esforços necessários para aumentar o número de leitores (leitores plenos, não decifradores)”. (FERREIRO, 2002, p. 18).

Pode-se dizer que sem a alfabetização essa democracia não é completamente “democrática” temos que nos esforçar de modo a alfabetizar para libertar, libertar da ignorância e libertar das condições de vida opressoras e excludentes, trágica marca que os analfabetos brasileiros carregam.

### **- Tendência crítica:**

Essa é uma discussão muito recente no Brasil, essa é uma proposta trazida por Celestin Freinet (1896-1966). Para ele, a personalidade do ser humano é construída no confronto dialético com o mundo e outros homens. Segundo ele a *escola tradicional é “inimiga do tatear experimental”, fechada, contrária à criatividade, à descoberta, ao interesse e ao prazer infantil*. Para Freinet (1991), os próprios professores deveriam modificar a educação, de acordo com o que fosse necessário e que eles percebessem que assim deveriam fazer.

Uma escola centrada na criança que faz parte da comunidade que está inserida que tem direitos e deveres e que dentro desses direitos estaria o de errar. Essa escola deveria ser uma escola popular, ou seja, direcionada às crianças do povo, onde elas não se sentissem discriminadas ou rejeitadas pela sua condição social.

Freinet (1991) questiona os deveres escolares com base em repetições e também se opõe ao recreio como ele é oferecido, pois acha que essa é uma válvula de escape oferecido para as crianças depois de tanto trabalharem. Ele propõe atividades com jogos para uma dinâmica na escola popular.

Freinet destaca a grande importância da participação das famílias com a comunidade e com a escola. Ele defende o ponto de vista dado pelas crianças.

Em suas propostas pedagógicas podemos citar principalmente as aulas-passeio; o desenho livre e texto livre; a correspondência interescolar; o jornal; o livro da vida, em que os alunos contam o que se passa, como se fosse um diário entre outros. Isso tudo deve ser introduzido de forma prazerosa para os alunos.

A avaliação deve ser realizada em três níveis: individual, cooperativa e feita pelo professor.

A escola deveria ser um local onde as crianças tivessem prazer em estar, mas do contrário, é geralmente um local onde os estudos tornam-se uma tarefa cansativa, pois os deveres não atraem os alunos, mas devem ser cumpridos de forma repetitiva. E como oposição, o recreio não tem uma proposta direcionada ao intelecto, mas surge como uma oferta para as crianças descansarem do seu trabalho dentro da sala de aula.

Como Freinet, nós educadores, devemos dar ouvidos e conseqüentemente aproveitar as idéias dadas pelas crianças; suas propostas pedagógicas devem ser introduzidas no contexto escolar, pois através destas, a escola deixaria de ser enfadonha.

### 1.3 – A descoberta de futuros leitores

***“Fazer de cada criança um leitor requer atividades diárias em que a garotada tenha a oportunidade de ler, trocar idéias, comentar notícias e muito mais”***  
(Ziegler, 2007).

É dever de todo professor, desde a Educação Infantil, incentivar o desenvolvimento de comportamentos leitores antes mesmo de a turma aprender formalmente a ler. Comentar ou recomendar algum texto, compartilhar a leitura de um livro, confrontar idéias e opiniões sobre notícias e artigos com outras pessoas – tudo isso ajuda a estabelecer gostos, reconhecer finalidades dos materiais escritos, identificar-se com o autor ou distanciar-se dele, assumindo uma posição crítica. No mundo todo, crianças vivem em ambientes alfabetizadores (ou seja, aqueles em que as pessoas fazem uso regular do ato de ler e escrever) têm a oportunidade de construir esse conhecimento naturalmente ao imitar as ações dos parentes e amigos. Já os que não vivem cercados de ‘letras’ precisam (e muito) da ajuda da escola. O fato é que essa ainda não é a realidade do nosso país.

Os números do Censo Escolar 2005, feito pelo Ministério da Educação, revelam que apenas 19,4% dos colégios públicos do Ensino Fundamental têm biblioteca: só 27 815, de um total de 143 631 unidades. Daí a importância de iniciar esse trabalho ainda na Educação Infantil. Além de aproximar as crianças do mundo letrado, a leitura alimenta o imaginário e incorpora essa experiência à brincadeira, ao desenho e às histórias que todos os pequenos gostam de contar. Não é raro ver bebês manuseando livros, apreciando as ilustrações e até virando as páginas, como se estivessem realizando uma leitura silenciosa. Isso é mais

uma prova de que é possível formar comportamentos leitores desde muito cedo. Para os menores de três anos, é fundamental escolher atentamente as obras por causa das imagens: elas precisam ser grandes, claras e atraentes, pois estimulam a participação.

Diz Bresciane: *“Ler para as crianças é igualmente importante para elas se familiarizarem com o hábito da escuta. Os temas, é óbvio, devem estar de acordo com os interesses mais genuínos da idade, como afazeres cotidianos, bichos etc.”* (2007, p.17).

Temos que incentivar a leitura para as nossas crianças, mas como fazer isso na Educação Infantil? Como vimos na citação acima, isso é possível, sim. Se observarmos bem, veremos o interesse que as crianças têm pelos livrinhos. Elas só não sabem muito bem como fazer. Cabe então aos professores essa tarefa maravilhosa que é ler para eles, mas nunca proibi-los de ter esse contato de estar manuseando-os. Alguns adultos, e até mesmo professores, dizem para as crianças que elas não podem pegar nos livros, pois podem rasgá-los ou rabiscá-los. Não é proibindo que elas aprenderão, mas com uma boa conversa e sempre incentivando-as a estar em contato com os livros.

Quando estive realizando um projeto com o meu grupo da faculdade no CIEP localizado no Portão do Rosa, para a disciplina de Educação Infantil, pude observar o que acima foi citado. Nós levamos uma quantidade de livros infantis para as crianças do 2º período da escola. Quando estávamos arrumando-os numa mesa ao alcance das crianças, a professora se preocupou e disse que naquele lugar eles iriam pegar os livros. Então quando falamos que eram realmente para que eles pegassem, ela ficou abismada. Realmente pudemos sentir o interesse

imediatamente das crianças pelos livros, ao realizarmos uma atividade em que sentamos as crianças em rodas no chão e dissemos que eles deveriam escolher os seus livros e que depois pudessem ver e se quisessem nós iríamos ler para eles. A atividade foi impressionante. Todos, sem nenhuma exceção gostaram da atividade. E nós também como futuros professores, pudemos observar a importância da leitura e também de como o contato com os livros é importante mesmo na Educação Infantil, pois assim poderemos introduzir de forma agradável à leitura na vida dessas crianças, descobrindo assim futuros leitores.

Na atualidade, a sociedade ser letrado significa mudança na condição social e cultural do indivíduo, por influência do uso da leitura e da escrita. Como temos visto ser letrado provoca no ser humano ser crítico e participativo. E esse processo deve se dar com autonomia. Significa contemplar a linguagem em seu nível de compreensão. Cada um terá mais ou menos conhecimento com relação à leitura e a escrita dependendo do seu uso no dia a dia. Como sinalizado por Soares:

*(...) a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda "analfabeta", por que não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é de certa forma, letrada. (2004, p.24)*

A partir da contribuição de Soares, pode-se perceber o quanto é importante e significativo propiciar às crianças um contato freqüente com diferentes tipos de material escrito. Como educadores podemos inserir nas atividades situações em que as crianças tenham contato com revistas, cartazes de

propagandas, histórias em quadrinhos, entre outros materiais que sejam conhecidos dessas crianças e que estejam no seu contexto social.

Ainda de acordo com Soares (2004), um leitor letrado formula questões enquanto lê, ou seja, procura no texto as respostas às suas questões iniciais, seleciona trechos que atendam às suas necessidades, faz antecipações, faz críticas, estabelece relações com o seu conhecimento de mundo, considerando o que sabe advindo de outras áreas do conhecimento, reformula suas hipóteses iniciais, enfim, se apropria do texto. Nesse momento, o leitor, apropria-se da língua escrita e promove sua inserção cultural e social.

Como orientação de Freire:

*A alfabetização não pode ser reduzida a um aprendizado técnico - lingüístico, como um fato acabado e neutro, ou simplesmente como uma construção pessoal intelectual. A alfabetização passa por questões de ordem lógico-intelectual, afetiva, sócio-cultural, política e técnica. (1983, p. 60).*

O ambiente alfabetizador adequado significa organizar a sala com objetivo de que as crianças a vejam como um lugar de sua convivência, onde existam cantinhos especiais para leitura que contenham todo o tipo de material escrito que possa chamar atenção e dar estímulo. Este local deve incitar as atividades para o professor trabalhar lendo para os alunos, dando ênfase aos textos escolhidos por eles.

Ferreiro (2002) defende a idéia de que o ambiente alfabetizador possa trazer ao cotidiano da criança a linguagem escrita e então poderia contribuir para que essas crianças pudessem ter oportunidades de construir esses conhecimentos. E a alfabetização aconteceria naturalmente.

É muito importante nessa fase da educação infantil colocar à disposição das crianças todo o tipo de material que contenham escritas e que eles apontem estar no seu dia-a-dia. Deste modo eles entenderão o significado dos rótulos e saberão para que serve a palavra escrita.

Porém somente dispor desses materiais num canto da sala não será o bastante para transformá-la num ambiente alfabetizador. É preciso que o professor provoque atividades que incentivem a circunstância, para leitura e escrita. Dessa forma o professor poderá trabalhar pedagogicamente e então conferir os resultados diretamente com os seus alunos. E certamente teremos futuros leitores apaixonados.

## **CAPÍTULO 2 - A PESQUISA**

Neste trabalho contei com as anotações do meu caderno de campo, onde pude explicar minhas visitas às escolas, com o auxílio da disciplina Estágio Supervisionado. Estas foram observações colhidas em escolas públicas e particulares.

Nestas escolas vi muitas contradições do ensino privado com ensino público: nas escolas da rede privada, os alunos possuíam todo aparato para ter um ambiente alfabetizador propício, com muitos livros e revistas, havia salas de TV, de informática com utilização da internet, bem como todo o tipo de aplicativos e CD ROMs enquanto que em algumas escolas da rede pública as salas não possuíam nenhum livro infantil e nenhum outro recurso citado acima, afastando as crianças desse contato tão importante.

Também contei com as entrevistas que elaborei e trabalhei. O roteiro da entrevista encontra-se no Anexo I. Essas aconteceram em contato direto com a autora deste trabalho, em encontros de meia hora, aproximadamente, com 4 professoras da Educação Infantil (com experiências aproximadas de 10 anos) e 2 coordenadoras de escolas públicas e particulares dos municípios de São Gonçalo e Niterói.

De acordo com as entrevistas das professoras em todos os casos elas conheciam a pedagogia libertadora de Freire; contudo em alguns casos não possuíam autonomia para trabalhá-lo como gostariam ou caso quisessem. Algumas falaram que a coordenação era muito retrógrada nesse aspecto, dizendo inclusive que o método tradicional era o melhor e mais eficaz.

## 2.1 Apresentação dos resultados

Na questão 1 eu pergunto como as professoras e coordenadoras vêm a prática alfabetizadora: todas dizem ser importante pois assim podem tornar familiar a escrita. As duas professoras da escola pública declararam que a aquisição da linguagem escrita se dá pelo contato direto com os livros e revistas. As outras duas da escola particular disseram que através de atividades com palavras conhecidas, como rótulos das embalagens; percebe-se a leitura que as crianças já fazem. As coordenadoras responderam que para tornar familiar a linguagem, existem atividades pedagógicas direcionadas a crianças da educação infantil; já a coordenadora da escola pública disse ser *“importante para tornar familiar a linguagem escrita no processo social”*, porém, nenhuma das duas explicitou como é introduzida essa prática alfabetizadora.

À pergunta 2 sobre a linha pedagógica adotada na prática alfabetizadora, todas as professoras declararam ter tomado contato com a Pedagogia Libertadora de Paulo Freire e com o Construtivismo. Uma professora da escola pública falou que *“trabalho, baseando-me nas minhas experiências adquiridas ao longo destes anos de prática docente”*. Uma outra, da escola particular, declarou que usa o construtivismo, mas, *“misturado com alguma coisa do método tradicional, que às vezes é necessário”*. Já uma das coordenadoras (a da escola pública) somente relatou que: *“sigo a orientação da Secretaria de Educação Municipal de São Gonçalo”*, enquanto a coordenadora da escola

particular disse que *“apesar de reconhecer no Construtivismo um novo método para se trabalhar com as crianças de forma mais livre, tenho a consciência de que nem sempre dá para se trabalhar somente dessa forma”*.

A questão 3 perguntava se é inserida a prática da alfabetização, e todas revelaram que sim, tanto as professoras quanto as coordenadoras.

A resposta à questão 4, que é complemento à anterior, de como é feita essa introdução, revelou que é através da leitura visual de modo que eles vejam coisas da realidade deles que são os rótulos ou gibis, segundo o que disseram as professoras. As duas professoras da escola particular disseram que além dos rótulos também usam histórias contadas por elas mesmas. A coordenadora da escola pública disse seguir os primeiros passos do método natural.

Nas respostas da questão 5, sobre que critérios utilizam para auto-avaliar a prática pedagógica, a principal convergência é que o critério de avaliação pessoal era o desempenho dos alunos. Disse uma professora da escola pública: *“Se eles estavam bem e aprendendo, meu trabalho estava indo bem”*. Uma professora da escola particular disse ser no dia-a-dia, através do desenvolvimento e feita com o acompanhamento da coordenadora. Mesmo estimuladas, as entrevistadas não revelaram a existência de qualquer sistema de auto-avaliação do trabalho que executaram. A coordenadora da escola pública respondeu que *“em conselho de classe são observados os resultados e a justificativa para os mesmos”*. Já a coordenadora da escola particular falou sobre acompanhar as professoras em seu dia-a-dia e também no conselho de classe, que é feito regularmente. Nenhuma delas informou qual é a periodicidade dos conselhos ou das avaliações.

A questão 6 tratou do acompanhamento do trabalho das professoras. As duas professoras da escola pública disseram que esse não atende suas necessidades, pois não recebem o material que precisam para trabalhar com qualidade e uma delas falou: *“tudo que preciso, eu mesma trago, pois o governo só manda material para as outras séries, eles não dão valor à educação infantil”*. Disseram também que a atenção, a assiduidade e o controle exercido pela coordenação pedagógica local não são satisfatórios, pois as mesmas não visitavam as salas para saber dessas necessidades. Já as professoras da escola particular disseram ter um ótimo acompanhamento pedagógico, pois a coordenação visitava as salas periodicamente e promovia mensalmente uma reunião para troca de experiências; uma das professoras elogiou muito esse acompanhamento, no depoimento colhido. Em relação à coordenação, a da escola pública disse: *“Temos semanalmente reuniões por duas horas destinadas para esse fim”*, e a da escola particular disse: *“As reuniões são realizadas mensalmente, onde ouvimos quais são as necessidades que as professoras têm e como devemos resolver de forma conjunta”*.

Na questão 7, a última, foi perguntado sobre o envolvimento dos pais e familiares; uma professora da escola pública falou: *“os pais são bons, se envolvem com a minha proposta de trabalho e são participativos”*, outra professora, também da escola pública, ao contrário da primeira disse: *“não tem colaboração nenhuma vinda da família, isso atrapalha muito no desenvolvimento escolar das crianças”*. As duas professoras da escola particular relataram ter participação efetiva dos pais, tirando alguns pais que trabalham fora e não podem vir às reuniões, do resto eles participam em tudo.

No relato da coordenadora da escola pública, ela diz ser muito pouco: *“Esse trabalho de envolvimento nessa comunidade, especialmente, está muito lento”*. E no da escola particular, a família é considerada participativa: *“os pais se envolvem sim, e fazem questão de participar de tudo que acontece na escola, é quase sempre 100% de presença da família nas festas e projetos que envolvem a comunidade”*.

Ainda em relação à participação da família na escola, a coordenadora da escola pública chegou a nos relatar que em alguns casos somente há uma matrícula na escola para conseguir algum tipo de ajuda financeira como o Bolsa-Escola, ou para que os filhos possam se alimentar.

Algumas professoras concordaram sobre a necessidade de aumento do apoio, no aspecto pedagógico, com a promoção de reciclagens e fornecimento de material para estudo e aprofundamento dos temas ligados ao ensino-aprendizagem.

## **2.2 – Análise dos dados**

Do conjunto dos dados fica a certeza de uma coisa: no caso dos colégios públicos, a ajuda do governo em relação à Educação Infantil é muito baixa, como citado por uma professora.

Com isso os professores não têm muito com o que contar, não têm livros infantis, não têm material para trabalhar na sala, então eles atuam como podem e trabalhar com essa realidade na sala de aula é às vezes muito difícil.

Deve-se destacar a necessidade de uma reformulação na Educação Infantil, que foi apontada como deixada de lado pelo governo. Por outro lado, a falta de acompanhamento por um núcleo pedagógico, capacitado e equipado para desenvolver um trabalho de apoio técnico e de fundamentação se fez sentir como necessidade das entrevistadas.

A ausência de planejamento em sala de aula, a inexistência de critérios e processos de auto-avaliação sobre o desempenho dos alfabetizadores, a limitada percepção sobre o papel do professor e do aluno, na ótica da pedagogia libertadora são explicáveis ante a falta do processo de acompanhamento acima apontado, que teria a função de realimentar a aprendizagem pedagógica dos alfabetizadores.

No momento de discutir a realidade dos alunos, em sala de aula, segue-se a seleção de temas e palavras geradoras já centradas no professor. Daí em diante, conforme a descrição de algumas entrevistadas, inicia-se o trabalho de silabação e, às vezes, de estudos de matemática elementar. As atividades mais ligadas à alfabetização propriamente dita ocupam a maior parte do tempo dos encontros na escola, fato que indica a predominância de formas tradicionais de ensino, que têm o professor como principal sujeito.

Pude numa dessas visitas fotografar as salas de aula de Educação Infantil no CIEP e então constatar a falta de livros e da presença de uma introdução à alfabetização, com palavras escritas em murais na sala de aula, o que pode ser um exemplo do que foi dito acima.



(Foto 1)

Na foto de número 1 podemos ver que as estantes estão vazias e que as atividades das crianças não têm a possibilidade de ser um contato com livros infantis, ou gibis, ou até mesmo com revistas. Isso é uma realidade nessa escola pública, não há em uma só das salas de educação infantil, uma estante com livros ao alcance das crianças, nem a disponibilização para que os professores possam aproveitar. Com essa situação, o que ocorre é que as crianças não têm a possibilidade de desenvolver esse lado de um futuro leitor, nem em casa, visto que de acordo com a realidade em que vivem, as suas condições econômicas não dão essa abrangência.



(Foto 2)

Nesta foto de número 2, é registrada a falta de atividade das crianças, as mesas vazias e as crianças sem ter o que trabalhar. Nos murais, nas paredes não há trabalhos realizados por elas, somente um painel feito por um adulto. Por que não aproveitar o contexto de vida dessas crianças com trabalhos de material reciclado, por exemplo, já que não há verba suficiente para atividades? Se o educador tiver uma consciência dos fatores sociais em que esses alunos estão inseridos podem ser aplicadas atividades que estejam de acordo com a história de vida desses alunos.

Nas escolas particulares que visitei as salas de aula são sempre muito bem equipadas e com estantes de livros em cada uma, todas ao alcance das crianças. A seguir as fotos das salas da Educação Infantil na referida escola:



(foto 3)

Essa é uma estante da educação infantil do 1º. período, na foto de número 3, onde há livros para as crianças como também outros objetos que chamam a atenção delas, que são bem pequeninas, na faixa etária de 3 anos. Eles são incluídos no contato direto com essas crianças desde o primeiro momento que freqüentam a escola, fazendo assim com que os livros se tornem um hábito na vida desses alunos.



(foto 4)

Essa é uma estante da educação infantil do 2º. Período. Nesta fase, as crianças já estão se acostumando com essa realidade com os livros; como diz Bresciane (2007): *“É dever de todo professor, desde a Educação Infantil, incentivar o desenvolvimento de comportamentos leitores antes mesmo de a turma aprender formalmente a ler”*.(p.17)



## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os objetivos políticos-pedagógicos preconizados por Paulo Freire podem levar a uma revisão da estrutura da Educação Infantil no Brasil e, certamente, suas idéias podem servir ainda para comportar um conjunto de atividades e conteúdos que possam equilibrar o lado técnico da alfabetização com a dimensão grandiosa da educação Infantil. Essa revisão deve começar dentro das salas de aula com a construção do ambiente alfabetizador.

Na construção do ambiente alfabetizador, temos as crianças, que são neste caso as principais componentes; em seguida vem o professor como referencial de leitor e escritor e, que através da sua mediação e intervenção, proporcionarão atividades pedagógicas de leitura e escrita. Também nesse ambiente deve haver outros recursos físicos para serem manuseados que poderão auxiliar as crianças na descoberta dos códigos da escrita e outros recursos para desenvolver a oralidade, a consciência crítica e também a criatividade. Para tal, esse espaço físico deverá ser um local privilegiado com boa iluminação e bem aconchegante.

Também nesse espaço devemos contar com professores que devem ser acompanhados pela coordenação, que por sua vez deve ter um comportamento de desejo de uma educação igualitária para todos. A luta libertadora deve ser uma característica dos educadores. A escola pública é um direito dos cidadãos brasileiros e essa deve ser valorizada. Ao introduzir o ambiente alfabetizador nas escolas públicas, transformaremos essa educação que é inicial e muito importante.

Para que os alunos possam construir a linguagem oral e escrita é preciso que haja interação e participação das vivências do indivíduo, pois o que faz parte do seu contexto terá um melhor significado e trará uma dimensão do concreto.

Esse trabalho indicou a necessidade de se construir uma estrutura para que o ambiente alfabetizador se torne possível. Para isso, os recursos devem ser organizados de tal maneira que a própria criança possa transitar livremente, assim como ter acesso ao material didático disponibilizado ao seu alcance.

Refletir sobre a organização do espaço de aprendizagem exige do professor fundamentação e posicionamento frente à concepção de metodologia diferenciada para o planejamento das atividades desenvolvidas no contexto de construção de conhecimento.

A supervisão, parte muito importante nesse processo, deve ser de acompanhamento e colaboração com o trabalho do professor. Esse processo educativo deve se dar em conjunto, em parceria e então terá a direção da Pedagogia Libertadora de Freire. É possível entender essas posições de Freire e introduzir a Libertação de forma a transformar a educação brasileira.

Nessa pesquisa pude perceber duas situações diferentes. A primeira é que a professora conhece o que é um ambiente alfabetizador, sabe como trabalhá-lo de modo a transformar aprendizagem vê o desejo nas crianças de aprender a ler e escrever. Então o seu objetivo é alcançado.

Em uma outra situação, a professora já ouviu falar do ambiente alfabetizador, o situa na sala, porém, apenas como um “cantinho da leitura”. Negando o sentido da proposta, não compreende o aluno como sujeito de

conhecimentos, de um ser humano que já traz suas vivências para a sala de aula, e que isso pode trazer um novo sentido à educação. Como a educação de sujeitos críticos e com autonomia. Lembrando as palavras de Freire, em que a aprendizagem é feita através da leitura de mundo que cada faz e traz consigo para a escola. Leituras essas que são feitas desde o momento da concepção e que devem ser reconhecidas como importantes em sua totalidade e então devem ser incorporadas ao currículo.

Neste momento importante para a criança, que é a introdução à escolaridade, em que a emergência do novo convive lado a lado com o que trazemos da vida cotidiana. Não será, certamente, a prisão da educação tradicional que se fará importante, mas a autonomia individual.

Os desafios que vivemos como professores nos dão motivos para um enfrentamento que certamente produzirá novos caminhos para a libertação das massas marginalizadas, ansiosas para promover sua humanização e, quem sabe, a libertação de si e dos seus opressores.

Somente com esse pensamento, nós educadores poderemos gerar uma perspectiva de um futuro melhor para esses alunos que buscam essa tão sonhada libertação. Através de uma atitude, em que produzir um sentimento de segurança nos alunos, pode ser o início para uma carreira escolar bem sucedida, que terá o princípio na educação infantil. O processo de libertação desse sujeito acontece numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de conquistar a sua auto-estima e valorizar a sua condição histórica.



(foto 7)

## BIBLIOGRAFIA

BECKER, Fernando **Da ação à operação: o caminho da aprendizagem em Piaget e Paulo Freire.** Porto Alegre: Palmarina, 1993.

\_\_\_\_\_. **A Epistemologia do Professor: o cotidiano da escola.** Petrópolis: Vozes, 1993.

BRASIL, Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional.

BRESCIANE, Ana Lúcia. **Formadora do Instituto Avisa Lá.** (Revista Nova Escola – edição especial no. 15. AGOSTO 2007).

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim tia, não: cartas a quem ousar ensinar.** São Paulo: Olho d'água, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Educação e Mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. **Educação como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. **Ação Cultural para a Liberdade.** 3ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom senso.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GADOTTI, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas.** São Paulo: Ática, 2004.

KRAMER, Sonia. **Com a Pré-Escola nas mãos: uma alternativa curricular para a educação infantil.** São Paulo: Ática, 1989.

KRAMER, Sonia. **Política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce.** São Paulo: Cortez, 1995

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola.** Ed. Artmed, Porto Alegre, 2004

MACEDO, Lino de Macedo - Revista Nova Escola Ed. Especial no. (15, agosto, 2007)

MACIEL, Diva Albuquerque. **Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Leitura e da Escrita**. Vol. I. Brasília: UNB-CEAD, 2004.

MORETTO, Vasco Pedro. **Construtivismo: a produção do conhecimento em aula**. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

Pesquisa PNUD, in Carta Capital, n. 346, p. 20, 2004.

PIAGET, Jean. et al. **Educar para o futuro**. Trad. Rui B. Dias. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.

SANTOS, Fabiana Marinho - Revista Nova Escola Ed. Especial no. (15, agosto, 2007)

SCARPA, Ester Mirian. **Intonação e processos dialógicos: fusão ou diferenciação?**, in Aquisição da linguagem, Série Estudoss, no. 11, Uberaba, MG, 2006.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TEBEROSKY, Ana. Revista Nova Escola (Entrevista concedida em 2005)

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. 2ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **A Epistemologia do Professor: o cotidiano da escola**. Petrópolis: Vozes, 1993.

ZIEGLER, Maria Fernanda – Revista Nova Escola Ed. Especial no. 15, (agosto, 2007).

## **ANEXO I**

### **QUESTIONÁRIO DE PESQUISA**

- 1) Como você vê sua prática alfabetizadora dentro da Educação Infantil?
- 2) Que linha pedagógica você adota?
- 3) Aqui na Educação Infantil é inserida a prática da alfabetização?
- 4) Como você introduz a leitura em sala de aula?
- 5) Como você planeja as atividades?
- 6) Que critérios utiliza ao avaliar o seu trabalho em sala de aula?
- 7) Como é o acompanhamento pedagógico às suas necessidades no trabalho de introdução à alfabetização?
- 8) Como se dá o envolvimento dos pais na relação com a escola?